por Paulo Saldiva

Corria o ano de 2016 quando tive o privilégio de ser indicado Diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP. Isso mesmo: um médico de cultura limitada fora dos domínios da Medicina, imerso na rotina hospitalar e na pesquisa biomédica, encravado na Avenida Dr. Arnaldo, distante — geográfica e intelectualmente — do campus do Butantã.

Por sorte, tive como vice — e depois sucessor na direção do IEA — o professor Ary Plonski, que singrava com desenvoltura os sete mares da economia, da engenharia, da inovação e das artes do pensar contemporâneo. Sua presença complementou, com elegância e generosidade, aquilo que me faltava. Tornou-se, então, evidente minha insuficiência em Humanidades, tão necessárias num mundo cada vez mais desigual, áspero e desumanizado.

Numa certa manhã, entrou em minha sala o professor Carlos Guilherme Mota. Eu ignorava, até então, a dimensão de sua obra, a profundidade de seus pensamentos e a senda intelectual que abrira para a compreensão da cultura brasileira. O professor Mota tampouco colaborava para desfazer tal ignorância, pois, ao invés de ostentar um saber que poucos possuíam, fazia precisamente o contrário: dissimulava o quão sábio era. Emissão quase nula de energia ególica — raridade preciosa no meio acadêmico.

Percebeu rapidamente minhas limitações e, com discrição e delicadeza, ajudou-me a compreender o que era o IEA e a intrincada complexidade daquele espaço singular. Fez isso compartilhando generosamente seu conhecimento, mas sobretudo por meio de sua postura intelectual e humana.

Ele, ao lado de Alfredo Bosi e Martin Grossmann, foi meu guia durante a gestão no IEA — certamente o lugar mais estimulante e generoso em que trabalhei em toda a minha vida.

Soube hoje de sua morte. Lamentei profundamente não poder abraçá-lo uma última vez e dizer-lhe, em vida, aquilo que agora escrevo.

Ficamos mais pobres.

Obrigado, professor Mota.